

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda São José

código
AVII – FO5 – Nat

localização
Acesso através da RJ-220, que liga as sedes dos municípios de Natividade e Porciúncula

município
Natividade e Porciúncula – RJ (casa-sede e terras, respectivamente)

época de construção
século XIX (1834)

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
fazenda de gado de corte/fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda São José, vista da casa-sede

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino – abr 2009**
equipe **Marcelo Salim de Martino, Vitor Caveari Lage, Jean Carlos Rabelo Ferreira, Lia Márcia de Paula Bruno e Pedro Paulo Pascotto Bastos**
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão / data
Thalita Fonseca – jul 2010



situação

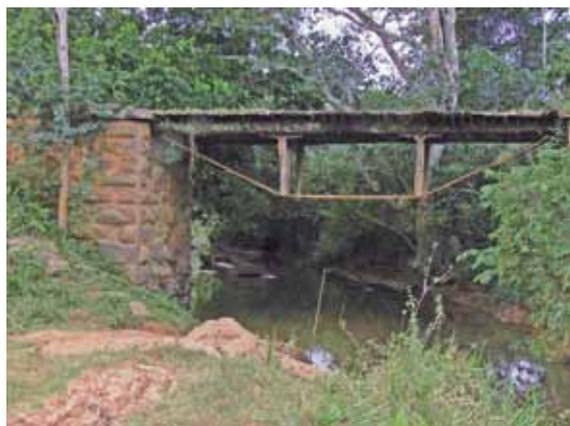


ambiência

A Fazenda São José estende-se por aproximadamente 50 alqueires de terras, distando apenas 3 km de Natividade e 4 km de Porciúncula (a rodovia que liga ambas as cidades é a RJ-220). Está localizada próxima ao leito do Rio Carangola, entre a base de um conjunto de pequenas elevações (f01) e a Estrada da Barra, que dá acesso à região. Dessas elevações nascem as águas que servem à propriedade. Próxima à fazenda, encontra-se a antiga ponte por onde passava a Cia. Estrada de Ferro Carangola, construída em ferro sobre pilar de pedra de mão, o que se constitui em um dos atrativos da região (f02). Um extenso gramado (f03) cobre a área de chegada à casa-sede – que fica voltada para o Rio Carangola.



01



02



03

Nele estão instaladas algumas antiguidades em ferro fundido como uma balança (f04), um carneiro hidráulico (f05) e um engenho de cana. O casarão é guarnecido por um imponente pórtico de entrada, prolongado por um muro que faz a proteção do jardim frontal, cuja composição plástica, apesar do abandono, denota uma preocupação com o seu paisagismo.

Contornando o muro que circunda a sede pela esquerda, encontra-se instalada uma porteira através da qual se acessa os fundos da propriedade (f06), onde há uma garagem para dois automóveis (f07), duas baias (f08) e a porta de acesso da área de serviços. Ali encontram-se, ainda, três tanques para peixes construídos pelo proprietário anterior, que pretendia instalar um “pesque-pague” na fazenda.

Seguindo o muro limítrofe pelo outro lado, chega-se a um pomar com diversas árvores frutíferas, destacando-se pela beleza de suas copas centenárias mangueiras, algumas palmeiras imperiais misturadas a jenipapeiros, cajueiros, coqueiros, dezenas de goiabeiras e jabuticabeiras. É possível também vislumbrar remanescentes de matas nativas no interior da propriedade (f09).



04



05



06



07



08



09

Atravessando o monumental pórtico (f10), tem-se acesso à entrada principal da casa-sede. Segundo relatos, o pórtico teria sido presenteado pelo imperador D. Pedro II, que enviou um arquiteto francês para executá-lo em estilo neoclássico. Edificado parte em alvenaria – base, corpo e cimbras (f11) – e parte em terracota – colunas, pináculos e demais elementos decorativos (f12), o pórtico é formado por duas colunas com capitel de ordem toscana e fuste liso (f13). Suas cornijas são encimradas por dois grandes pináculos e por ornatos em forma de volutas, coroadas por pequenas esferas, ambos assentados sobre pedestais de alvenaria (f14).

Complementa o pórtico um muro que circunda toda a área onde está instalado o jardim (f15), com pilares de alvenaria (f16), arrematados por cimbras e revestidos por tijolos maciços emoldurados por requadros de massa. Os canteiros foram demarcados pela pavimentação do passeio que liga o pórtico à porta de acesso da casa-sede, estabelecendo um desenho em cruz, onde ambos os caminhos levam à fonte construída na parte central do terreno (f17).



10



11



12



13



14



15



16



17

A casa-sede é uma construção de dois pavimentos com o corpo principal em planta retangular (f18), tendo aos fundos, do lado direito, um prolongamento da construção, formando um “L”. Esse acréscimo acontece apenas no térreo, uma vez que o correspondente ao segundo pavimento foi demolido durante uma das intervenções realizadas pelo proprietário anterior (ver f07).

A casa possui cobertura em quatro águas, com telhas do tipo capa e canal, com beiral arrematado por pronunciada cimalha (f19 e f20).

No tocante às esquadrias, as janelas externas se apresentam em sistema de guilhotinas (f21), com caixilharia de vidro e tela sintética; internamente, apresentam duas folhas de abrir (f22). Exibem também vergas e são arrematadas por cimalthas e molduras de madeira frisadas, que circundam as ombreiras e o peitoril.

O térreo, hoje ocupado por um grande salão (f23), anteriormente abrigava fornalha, galinheiro, paiol de milho e até mesmo o curral, segundo relatos¹. Conta-se, ainda, que a sede recebeu uma escada externa que levava ao segundo pavimento, onde havia um pequeno alpendre, exatamente na junção entre as laterais do “L”.

As vedações internas e externas são de alvenaria, e acredita-se que tenham substituído as originais de pau a pique. Toda a pavimentação do térreo é de piso cerâmico, enquanto o segundo pavimento é revestido em assoalho de madeira do tipo paralelo (f24). Este último, bem como o forro – também de madeira do tipo saia e camisa (f25) – foram repostos recentemente.

Através da escada de acesso ao segundo pavimento, verifica-se a existência de peças de madeira lavradas, de cunho estrutural – madres (f26). Destacam-se na escada seus elementos constitutivos, como as quartilhas que a guarnecem (f27) e seu guarda-corpo vazado (f28).



18



19

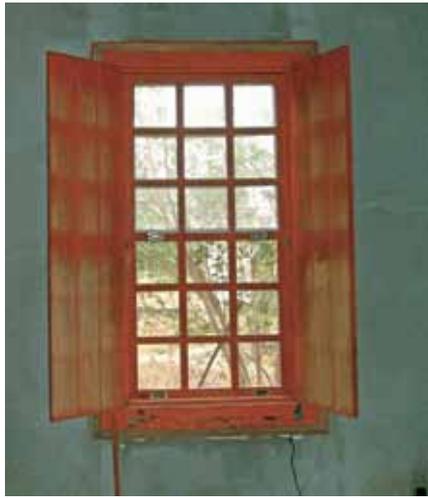


20



21

¹Informação verbal fornecida pela antiga moradora, senhora Vera Monteiro Vieira.



22



23



24



25



26



27



28

Atualmente, a casa conta com quatro suítes (f29 e f30), um lavabo, um escritório (f31), quatro dormitórios, salão, cozinha, copa, lavanderia e diversificado mobiliário de épocas distintas, como um camiseiro do final do século XIX (f32), um conjunto de sofás e cadeiras em estilo Luís XV (f33) e um canapé mineiro. Provavelmente da primeira metade do século XIX, o canapé é feito em estilo Diretório rústico (f34) e possui espaldar baixo e reto, com uma travessa horizontal recortada, interrompida por dois suportes retos, com braços encurvados e travessa superior em telha, com assento de palhinha e pernas retas.



29



30



31



32



33



34

Na área externa, observa-se que tanto o pórtico quanto o muro apresentam-se bem conservados, necessitando apenas de preenchimentos e recobrimentos pontuais de argamassa na base das colunas (f35). A fonte recebeu novo emboço e a pavimentação, originalmente em pedra, foi substituída por piso de argamassa de cimento (f36).

Na casa-sede, o proprietário prossegue com a reforma iniciada por seu antecessor, como a conclusão de quatro das oito suítes previstas, a pavimentação do térreo e a pintura.

Estuda-se uma maneira de embutir a instalação elétrica, fios, eletrodutos e caixas de passagem, que hoje ficam aparentes, instalados sob o madeiramento do piso do segundo pavimento (f37).



35

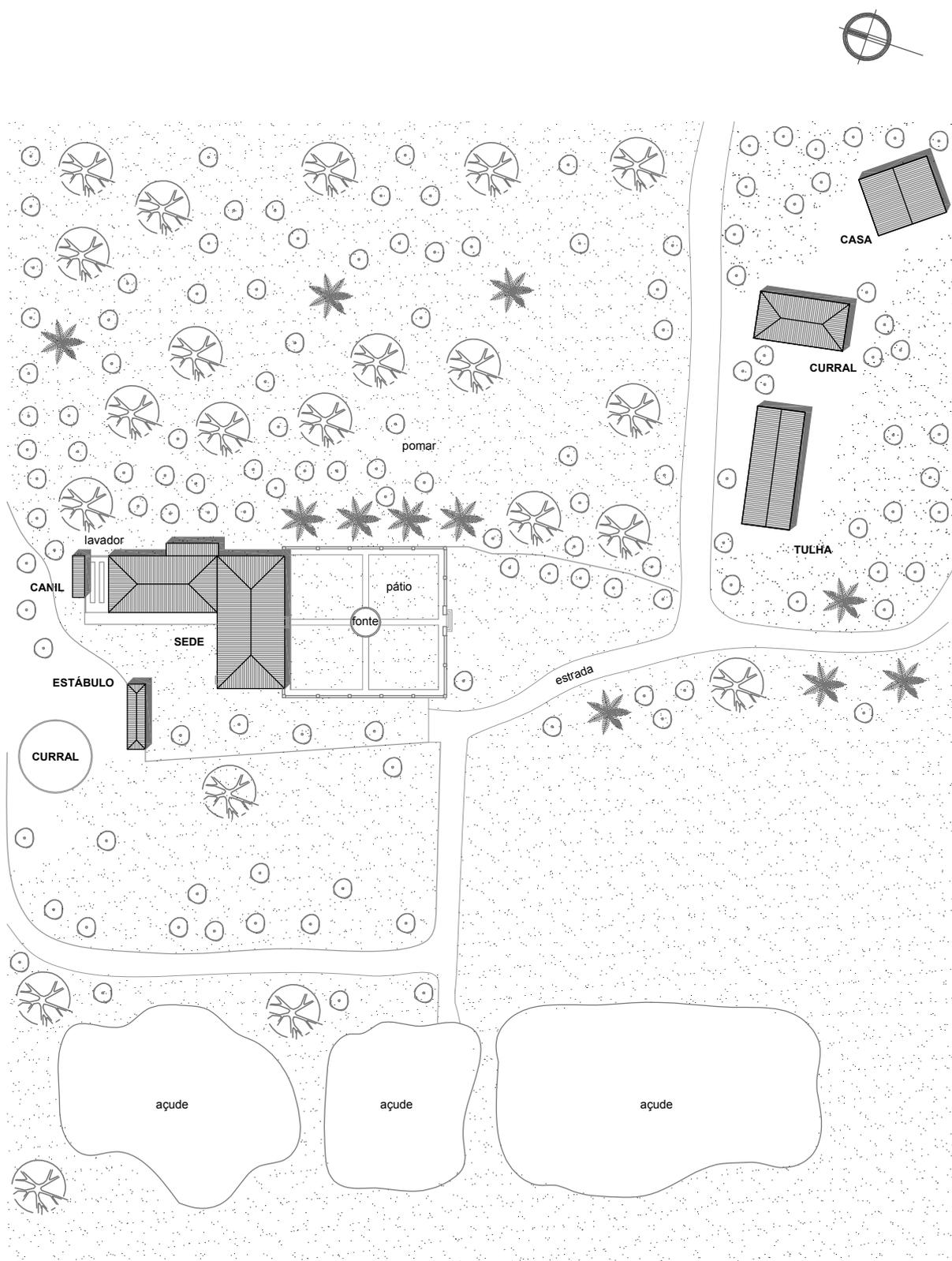


36



37

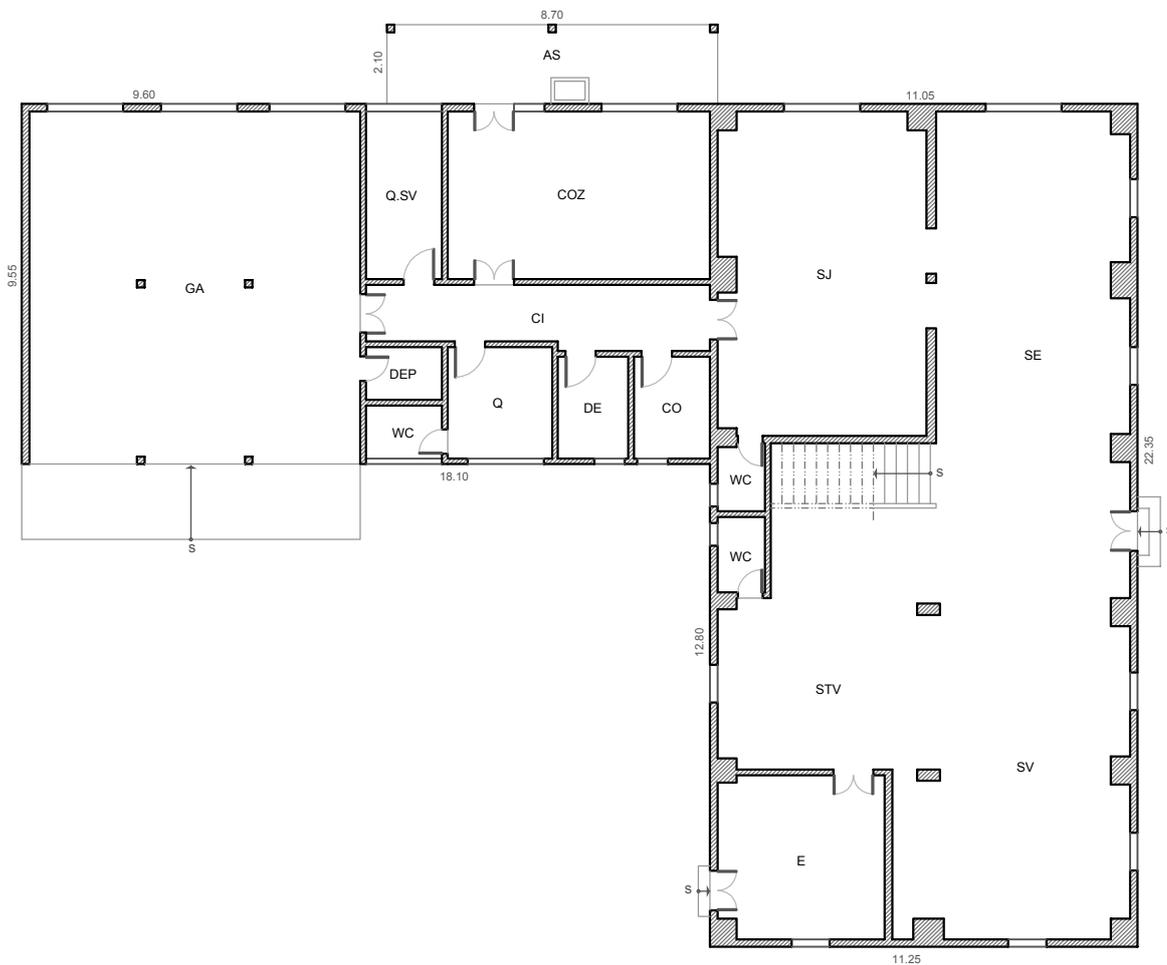
FAZENDA SÃO JOSÉ



1 Implantação
escala: 1/1000



FAZENDA SÃO JOSÉ



1

Planta Baixa da Sede - Térreo

escala: 1/200



AS - área de serviço	COZ - cozinha	E - escritório	Q.SV - quarto de serviço	STV - sala de tv	alvenaria existente alvenaria demolida
CI - circulação	DE - despensa	GA - garagem	SE - sala de estar	SV - sal de visita	
CO - copa	DEP - depósito	Q - quarto	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AVII - F05 - Nat

2/3

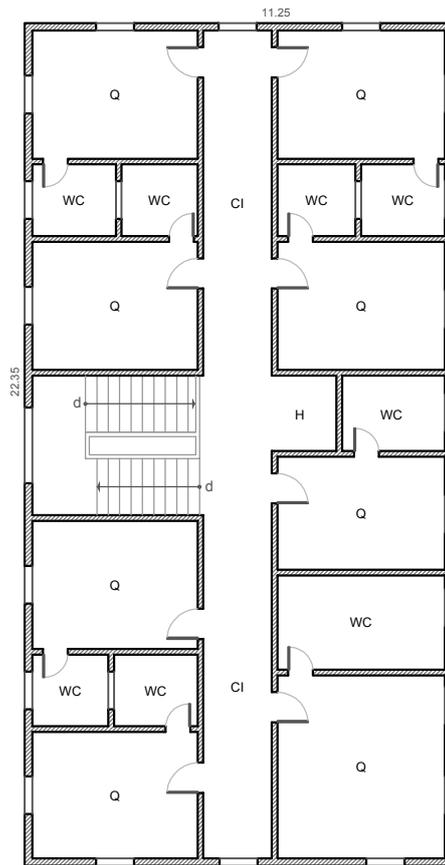
equipe: Marcelo Salim de Martino / Vitor Caveari Lage/
Lia Márcia de Paula Bruno/Pedro Paulo P. de Barros

desenhista: Jeancarlo Rabelo Ferreira

revisão: Francyla Bousquet

data: abr 2010

FAZENDA SÃO JOSÉ



1

Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.

escala: 1/200



CI - circulação
H - hall

Q - quarto
WC - banheiro

▬ alvenaria existente
- - - - - alvenaria demolida

A história da Fazenda São José se confunde com a história dos municípios de Natividade, Porciúncula e, até mesmo, Itaperuna, uma vez que as duas primeiras cidades estiveram incorporadas a esta.

Segundo Leopoldo Muylaet Júnior (1910:3), por volta de 1831, “*depois de se ter feito voluntário da polícia de Ponte Nova, Minas, José de Lannes Dantas Brandão desertou das fileiras (...) vindo se apossar das terras que fora o primeiro a pisar, as quais começavam em Santo Antonio do Carangola e terminavam no Bambuhy*”.

Rumando Rio Carangola acima, José de Lannes (ou de Lana) Dantas Brandão se fixou à margem direita deste, no local em que esteve instalada a Fazenda Porto Alegre. Ali, derrubou matas para cultivar suas terras em local onde hoje se encontra o centro de Itaperuna. Assim, a Fazenda São José foi instalada em 1834, em terras entre os municípios de Natividade e Porciúncula.

Em 1842, chegou ao conhecimento do presidente da província de Minas Gerais o paradeiro do desertor das tropas, José de Lannes, que foi preso, mas depois acabou sendo solto, regressando com sua mulher e filhos. A razão para sua soltura divide opiniões, e uma delas acredita que a liberação de Lannes se insere no contexto do movimento liberal que concedeu anistia aos revoltosos em 1844. Como demonstração de perdão, D. Pedro II teria enviado um arquiteto francês para construir o portão de entrada (f38).

Outra corrente concorda que a sede da Fazenda São José tenha sido construída por José de Lannes, entretanto, acredita que, anos depois, o segundo marido de sua filha, Antônio Custódio Fernandes, a reconstruiu. Nessa época, mandou vir da Corte um arquiteto francês que dirigiu os trabalhos de construção do pórtico.



Fig. 210 - Ruínas do portão de entrada da fazenda de São José, em Itaperuna, um dos grandes núcleos agrícolas deste grande município cafeeiro no período imperial. (Por gentileza do prefeito AMADEU TINOCO)

De fato, o pórtico da Fazenda São José é muito importante para a região, fazendo parte do Brasão de Armas do município de Porciúncula (f39)², para lembrar que a São José foi a primeira fazenda a ser edificada na região e também para homenagear o fundador de Porciúncula³, José de Lannes Dantas Brandão.

Lannes viveu na Fazenda São José até 1852, quando foi assassinado por seus próprios escravos, Francisco Calafate, José e Miguel, que, armados de foices, assassinaram, ainda, o Sr. Manoel José Ribeiro, genro de José de Lannes. Os escravos se refugiaram em Natividade, em local denominado Cruzeiro de Cima, onde formaram um quilombo. Entretanto, no ano seguinte, os assassinos foram julgados em Campos e condenados à pena de morte.

O primeiro pé de café da região foi plantado em 1834, pelos irmãos de José de Lannes, nas terras da atual Fazenda São José. Esses cafezais renderam grandes colheitas até 1860, época em que uma praga fez cair a produção, e muitas plantações ficaram totalmente abandonadas. Anos mais tarde, os cafezais voltaram a ser a principal lavoura da região.

Algum tempo depois, a Fazenda São José foi vendida a José Evangelista Monteiro, que teve três filhos. A esposa de José Evangelista tinha dificuldades para engravidar e apelou para um costume religioso muito utilizado à época, que era prometer o nome de Eva ou de Adão ao primeiro filho que nascesse. Assim, nascendo a primeira filha esta recebeu o nome de Eva. Ela se casou com José Agnelo Shuwart Vieira, que administrou a fazenda por muitos anos. Nessa época, eram realizadas grandiosas festas, sendo a maior delas em louvor a Santa Ana. Com o falecimento de D. Eva, sua filha Zilda e o marido, Sebastião Carlos Valadão, adquiriram a propriedade dos demais herdeiros. Era intenção do Sr. Valadão transformar a Fazenda São José numa área de lazer. Para tanto, chegou a instalar três tanques para criação de peixes, além de diversas obras empreendidas na casa-sede. Com seu falecimento, a fazenda foi vendida a Sérgio Lannes Vieira, descendente do desbravador José de Lannes Dantas Brandão.



²Instituído através da Deliberação nº 493/69, de 17/11/69.

³No ano de 1879, foi criada a freguesia de Santo Antônio do Carangola, com dez alqueires de terras que haviam sido doadas por José Lannes, em 1846. Em 1938, a freguesia teve seu nome mudado para Porciúncula, e, em 1947, foi criado o município do mesmo nome, desligando-se definitivamente do território de Itaperuna. Segundo Alberto Lamego (2007), foi a penetração de José de Lannes Dantas Brandão, em 1831, que originou Natividade e Porciúncula. Posteriormente, com a instalação da estrada de ferro e de suas respectivas estações, estas localidades se transformaram em importantes centros de exportação de café.

Fontes:

Site: <http://citybrasil.uol.com.br/rj/natividade>

Álbum do Município de Itaperuna, organizado pelo Dr. Leopoldo Muylaert Junior, 1910.

Revista Unidades, Ano 1, junho de 2008, p. 42.

Revista Unidades, Ano 1, abril de 2009, p. 26-28.

Acervo de Gérzio Barreto Calzolari – Porciúncula, RJ.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Volume XXII – IBGE, 1959, p. 307.

LAMEGO, Alberto Ribeiro Lamego, *O Homem e a Serra*, vol. 4, IBGE, Ed. Fac-similar, 2007, p. 290.

HENRIQUES, Major Porfírio, *A Terra da Promissão – História de Itaperuna*, Editora Aurora, RJ, 1956.

SILVA, Edésio Barbosa da, *Subsídios para a História de Porciúncula*, Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda, 2000.

Publicações do Centro Cultural Dr. Edésio Barbosa da Silva / Secretaria Municipal de Cultura de Porciúncula.

JÚNIOR, Leopoldo Muylaert, *Álbum do Município de Itaperuna*.1910, p. 45.

Site Barrigudos Bike Clube/2010.

Site Portal Municipal de Porciúncula / DECOM.

www.ferias.tur/informacoes/7020/porciuncula-rj.html

Informação verbal de D. Taninha, de 79 anos, filha de Alexandre Gomes Santana, primo de José de Lannes.

Informação verbal de D. Vera Monteiro Vieira, neta de José Evangelista Monteiro, ex-proprietário da Fazenda São José.

Referências Fotográficas:

(f38) LAMEGO, Alberto Ribeiro Lamego, *O Homem e a Serra*, vol. 4, IBGE, Ed. Fac-similar, 2007, p. 386.